

## A POÉTICA RELIGIOSA DE MATRIZ AFRICANA EM *TERRA NEGRA*, DE CRISTIANE SOBRAL

*RELIGIOUS POETICS OF AFRICAN'S ORIGIN IN "TERRA NEGRA" BY  
CRISTIANE SOBRAL*

Amanda de Sousa

<https://orcid.org/0009-0008-9481-1694>

Universidade Federal de Campina Grande

[amandasamira@outlook.com](mailto:amandasamira@outlook.com)

Tássia Tavares de Oliveira

<https://orcid.org/0000-0002-8705-1681>

Universidade Federal de Camína Grande

[tassia.tavares@professor.ufcg.edu.br](mailto:tassia.tavares@professor.ufcg.edu.br)

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar como a produção literária da escritora brasileira Cristiane Sobral incorpora elementos e crenças das religiões de matriz afro-brasileira, a partir da seleção de poemas presentes na obra *Terra Negra* (2017). Para essa análise, foram escolhidos os poemas “Força Ancestral”, “Poesia Preta Feminina” e “Eu, Maria”. O estudo investiga como a dimensão religiosa afro-brasileira se entrelaça com as vozes femininas negras na poesia da autora, evidenciando a importância da resistência e da afirmação cultural dessas mulheres, especialmente no que tange à ancestralidade. Nesse contexto, Sobral reafirma, por meio de sua escrita, a existência e a identidade da mulher negra, conforme expressa em sua própria declaração: “Quem não se afirma não existe.” Dessa maneira, sua poesia transporta o leitor para um universo de religiosidade e ancestralidade, evidenciando o orgulho de ser e pertencer a espaços historicamente negados, mas que agora são ressignificados como territórios de liberdade e afirmação identitária.

**Palavras-chave:** Poesia de autoria feminina negra. Religiosidade afro-brasileira. Ancestralidade. Cristiane Sobral.

**Abstract:** This article aims to analyze how the literary work of Brazilian writer Cristiane Sobral incorporates elements and beliefs of Afro-Brazilian religions, based on selected poems from her book *Terra Negra* (2017). The analysis focuses on the poems “Força Ancestral” (Ancestral Strength), “Poesia Preta Feminina” (Black Female Poetry), and “Eu, Maria” (I, Maria). The study investigates how Afro-Brazilian religious dimensions intertwine with Black female voices in the author’s poetry, highlighting the importance of resistance and cultural affirmation for Black women, particularly in relation to ancestry. In this context, Sobral reaffirms, through her writing, the existence and identity of Black women, as expressed in her own declaration: “Those who do not assert themselves do not exist.” Consequently, her poetry transports readers into a universe of religiosity and ancestry, emphasizing the pride in being and belonging to spaces historically denied to Black communities but now redefined as territories of freedom and identity affirmation.

**Keywords:** Black female-authored poetry. Afro-Brazilian religiosity. Ancestrality. Cristiane Sobral.

## Considerações iniciais

A literatura negra brasileira constitui um campo de estudo rico e multifacetado, refletindo a diversidade de experiências da população negra no Brasil. Dentre os temas abordados nesse corpus literário, destacam-se o gênero e a religião, os quais são explorados por meio de questões relacionadas à identidade, resistência e pertencimento.

No que concerne à questão de gênero na literatura negra, observa-se a luta das mulheres negras, que frequentemente enfrentam múltiplas formas de opressão. Autoras como Cristiane Sobral não apenas denunciam o racismo, mas também problematizam o machismo e a intolerância religiosa, trazendo à tona narrativas que enfatizam a força e a resistência feminina. Suas obras desafiam estereótipos e oferecem novas perspectivas acerca da vivência dessas mulheres.

A ancestralidade constitui um elemento essencial na construção identitária das mulheres negras, sendo a religião um aspecto central dessa perspectiva. Nesse sentido, as religiões de matriz africana ocupam um papel de destaque nas produções literárias dessas autoras, tornando-se temas cruciais de discussão. A literatura negra frequentemente dialoga com as tradições afro-brasileiras, utilizando-as como símbolos de resistência cultural. Dessa maneira, Sobral se configura como uma voz fundamental nesse contexto.

Poeta, escritora e educadora, sua obra aborda questões de raça e gênero com singular sensibilidade, refletindo a complexidade da experiência de ser mulher negra no Brasil, além de explorar a espiritualidade e a ancestralidade. A autora ressalta a importância da literatura como um espaço de afirmação e transformação, no qual vozes historicamente silenciadas encontram possibilidades de manifestação.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar poemas selecionados da obra *Terra Negra* (2017), de Cristiane Sobral, com foco em três aspectos principais: a presença da ancestralidade por meio da incorporação de elementos religiosos de raízes africanas e a representatividade advinda dessa temática na poética da autora. Além disso, busca-se investigar como a poesia de Sobral se constitui como uma forma de resistência e afirmação da identidade da mulher negra.

## 1 Literatura negra feminina

Cuti (2010), em sua obra *Literatura Negro-Brasileira*, ao analisar a literatura no Brasil, sobretudo nos quatro primeiros séculos de sua história, evidencia a subordinação dos escritores brasileiros às influências lusitanas, as quais não apenas dominavam os aspectos políticos e econômicos, mas também exerciam controle sobre a produção cultural do país. A partir do século XIX, contudo, observa-se uma crescente exaltação da identidade nacional, impulsionada por eventos históricos significativos, como a Independência do Brasil, a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Essas transformações também se refletem na crítica literária. No entanto, Cuti (2010) adverte que, nesse período, ao se escrever sobre a população negra, a abordagem predominante ainda carregava um viés preconceituoso, no qual os sujeitos negros eram representados de maneira estereotipada, reduzidos à condição de seres coisificados pela escravidão. Dessa forma, a complexidade e a ancestralidade desse

grupo continuavam sendo ignoradas, permanecendo a perspectiva eurocêntrica e colonizadora na construção dessas representações. Como mencionado por Cuti (2010),

A maneira como os escritores tratarão os temas relativos às vivências dos africanos e de sua descendência no Brasil vai balizar-se pelas ideias vindas da Europa desde o início da colonização. A essas ideias somarem-se— à (sic) necessidade de se fazer projeções para o futuro do Brasil, um esforço para explicar—se ao mundo como povo (Cuti, 2010, p. 17).

Embora Maria Firmina dos Reis seja reconhecida como a primeira romancista negra do Brasil, é fundamental destacar que, durante muitos anos, as produções de autoria feminina negra foram negligenciadas e pouco discutidas no âmbito literário.

No início do século XX, com o advento do Modernismo, tem início uma nova fase na construção da identidade nacional brasileira. Nesse contexto, o movimento modernista encontra inspiração, sobretudo, nas figuras do indígena e das camadas populares, consolidando tais representações como símbolos culturais. No entanto, a ênfase na valorização dessas minorias estava mais associada a uma exaltação da diversidade cultural do país do que a uma efetiva preocupação com as problemáticas sociais enfrentadas pela população negra à época. Entretanto, no que tange sua representatividade,

a censura aos negros-brasileiros é secular. Desenvolvem-se formas de camuflar a identidade negra, aquelas que se escondem atrás do folclore e da tradição negro-africana, assim como fizeram os orixás se esconderem atrás dos santos católicos no candomblé e na umbanda (Cuti, 2010, p. 59).

Ao considerar que a censura à população negro-brasileira sempre esteve presente, torna-se inevitável refletir que essa censura foi ainda mais intensa em relação à literatura produzida por mulheres. Um dos primeiros nomes que geralmente vêm à mente quando se trata de produção literária feminina é o de escritoras brancas. No entanto, observa-se, cada vez mais, a presença da produção de mulheres negras nesse universo literário, ainda que essa produção permaneça pouco divulgada e conhecida.

Diante desse cenário, emergem questionamentos fundamentais: sobre quais temáticas escrevem as mulheres negras que produzem poesia? Quais são os temas mais recorrentes em suas obras? O que essas autoras buscam alcançar por meio da escrita?

É essencial que o meio acadêmico incorpore elementos das comunidades religiosas afro-brasileiras, uma vez que esse tema pode, ainda que de maneira modesta, fomentar discussões entre leitores interessados nessas manifestações religiosas, além de reforçar o estudo desse campo como um modelo de resistência antirracista. Vale destacar que as mães de santo e as mulheres de terreiro detêm "sabedorias vindas da África e cruzadas nas travessias do oceano, [...] saberes esses que, cotidianamente, insistem em dobrar a morte pela via do não esquecimento" (Santos, 2020, p. 92).

Dessa forma, a literatura produzida por mulheres negras frequentemente enfatiza questões relacionadas à sua etnia e aos temas historicamente silenciados pelo discurso oficial, que considerava a cultura afro-brasileira inferior à cultura eurocêntrica. Esse silenciamento é especialmente evidente no que concerne às religiões de matriz africana, que continuam sendo alvo de intolerância religiosa. À luz dessa perspectiva, a religiosidade emerge na poesia de

autoria feminina negra como um elemento fortalecedor da subjetividade, identidade e pertencimento étnico. Essas produções poéticas configuram-se, assim, como uma manifestação de resistência e afirmação da existência e dos direitos dessa diáspora.

A princípio, destaca-se uma reflexão da filósofa Sueli Carneiro (2020) acerca da ancestralidade da mulher negra. A autora enfatiza a importância de aprofundar os estudos sobre a visão mítica expressa por mulheres nos cultos afro-brasileiros, pois esses elementos são fundamentais para o resgate da identidade feminina negra. Além disso, Carneiro evidencia o protagonismo que emana da mulher negra nesses espaços de culto aos orixás e demais guias espirituais. Desse modo, em alguns poemas da obra *Terra Negra*, discute-se o papel da mulher negra nesses contextos, uma vez que, além de preservar e transmitir saberes ancestrais, ela também ocupa posições de liderança e resistência, garantindo a continuidade da tradição religiosa e cultural afro-brasileira.

*Terra Negra* representa a produção poética mais recente da escritora Cristiane Sobral — uma autora negra de grande relevância no cenário cultural brasileiro. Nascida no Rio de Janeiro (RJ), Sobral foi a primeira mulher negra a se formar no curso de Artes Cênicas pela Universidade de Brasília (UnB). Sua trajetória no meio literário teve início por volta dos anos 2000, quando publicou no vigésimo terceiro volume dos *Cadernos Negros*. Posteriormente, consolidou-se como uma artista que contribuiu significativamente para a discussão da ancestralidade da mulher negra. Sua obra enfatiza a necessidade de recuperar essa história, ressignificando o passado como um ato de reparação e reconhecimento, criando, assim, um espaço para a construção de um presente mais justo e consciente sabendo que

a ancestralidade negro-africana nos possibilita reconectar à memória do corpo que, embora eivada de uma saudade da origem, torna-se território tanto de ressemantização quanto de continuidade dessa lembrança que tem no passado a garantia de sua continuidade. (Sales, 2020, p. 137-138)

Ao estudarmos as produções de autoria negra, torna-se possível compreender que uma das formas mais incisivas de violação da identidade do povo negro no Brasil teve início nas práticas religiosas. A formação da sociedade colonial brasileira foi marcada pela imposição da conversão ao catolicismo sobre as populações negras, resultando em um longo período de perseguição que culminou no sincretismo religioso, no qual os Orixás foram associados aos santos católicos.

O processo de colonização da América Latina envolveu não apenas a ocupação e exploração dos territórios, mas também a subjugação dos povos originários e das populações trazidas à força para servirem como mão de obra. No caso dos africanos escravizados, essa experiência histórica inaugurou a diáspora africana, marcada pelo deslocamento compulsório e pela reconstrução identitária nos territórios de destino (Santos, 2020).

A colonização não é apenas um episódio do passado, mas um fenômeno que continua a influenciar as relações sociais contemporâneas. Trata-se de um sistema de dominação que normalizou hierarquias geográficas, raciais, culturais e epistêmicas, assegurando a perpetuação do discurso dos grupos hegemônicos. No entanto, as populações diaspóricas passaram a se reconhecer como sujeitos históricos ativos, empenhados na reconstrução de identidades que lhes foram negadas, começando pela valorização e ressignificação de suas tradições religiosas.

A diáspora africana refere-se ao deslocamento e dispersão de populações africanas pelo mundo, sobretudo em decorrência do tráfico transatlântico de escravizados. Esse processo forçado resultou na formação de comunidades afrodescendentes em diversos países, com o Brasil se destacando como o principal destino dessa migração compulsória. O impacto desse fluxo humano foi determinante para a configuração da cultura brasileira e para a história global.

Ainda que a escravidão tenha sido formalmente abolida, as populações afrodescendentes continuaram a enfrentar processos sistemáticos de marginalização e racismo estrutural. Entretanto, a diáspora não se limitou ao sofrimento: ela também fomentou estratégias de resistência e reafirmação identitária, expressas em manifestações culturais como o samba, a capoeira e as religiões de matriz africana. Essas expressões evidenciam a força da resistência negra diante das imposições religiosas eurocêntricas, reafirmando a centralidade das tradições africanas na construção da identidade cultural afro-brasileira.

## 2 Poética afro-religiosa em *Terra negra*, de Cristiane Sobral

Em “Força ancestral”, temos:

### Força ancestral

Cuspiram na minha cara  
rindo alto  
Porque uma preta  
nesse país  
não vale nada!

Por que eu não reagi?  
Eu não sabia que era gente  
Meu senhor  
Eu ainda não sabia

Eu era temente à Deus  
mas mesmo na igreja  
Sempre fui humilhada  
Porque uma preta nessa terra  
onde Jesus foi pintado de branco, de olhos azuis  
parecia ter que padecer infinitamente na cruz  
Mas debaixo de todos os interditos  
dos santos mais bonitos  
sempre guarde e saudei meus orixás  
Guardei tesouros no meu gongá da inteligência  
na minha cabeça feita  
Eu, de coroa e rainha, livre e liberta  
na força ancestral de Ilê-Ifê.  
(Sobral, 2017, p.64)

Nos primeiros versos do poema em análise, destaca-se a presença de uma voz poética feminina negra que denuncia a forma como é injuriada dentro de uma estrutura racista que deslegitima as mulheres negras no Brasil. O uso do verbo "cuspiram" no início do poema evidencia a tentativa de ocultar os agentes dessa ação, o que é característico de um país onde o racismo é frequentemente tratado como um fenômeno velado. Nos versos seguintes, a poesia analisada expõe que as injúrias sofridas são direcionadas à própria vítima, como nos versos: "Porque uma preta/ nesse país/ não vale nada!".

É relevante considerar que as religiões de matriz africana reconhecem e celebram a importância das mulheres em diversas dimensões. Essas tradições não apenas incorporam a presença feminina nas práticas e rituais, mas também lhes atribuem papéis centrais na preservação e transmissão de saberes, na liderança espiritual e na manutenção das comunidades. Exemplo disso são as mães de santo, figuras respeitadas e responsáveis pela condução de rituais, orientação de adeptos e preservação das tradições. Elas atuam como mediadoras entre seus filhos de santo e seus guias espirituais.

Em um segundo momento, por meio da conjugação do verbo "saber" no pretérito imperfeito, percebe-se que o eu lírico, que se pretende calar, enfatiza sua inércia diante da situação, pois desconhecia sua própria humanidade. Além disso, o uso do pronome possessivo "meu" para se referir ao senhor remete ao passado de apagamento da mulher negra pelo colonizador. Nos versos seguintes, o eu lírico prossegue com sua denúncia, agora direcionando o olhar para a violência sofrida em relação às suas práticas religiosas. Ao afirmar que foi temente a Deus, a poesia nos remete, mais uma vez, ao passado, em que o povo negro foi forçado a converter-se ao catolicismo. Apesar dessa conversão, a subjugação persistiu, como evidenciado no trecho: "parecia ter que padecer infinitamente na cruz".

Contudo, apesar de tanta humilhação e perseguição religiosa, essa voz poética não permanecerá inerte, como em outros momentos do poema. Agora, busca enaltecer sua ancestralidade: "sempre guardei e saudei meus orixás/ Guardei tesouros no meu gongá da inteligência". Dessa forma, observa-se no poema de Sobral (2017) uma das formas mais desleais de violação da identidade negra no Brasil, que se deu através da imposição religiosa. Isso porque a sociedade colonial impôs a conversão compulsória dos negros ao catolicismo, fato evidenciado nos versos: "Mas debaixo de todos os interditos/dos santos mais bonitos".

Apesar de toda a perseguição, a voz poética resistiu, mantendo sua religiosidade ativa, mesmo distante de seu território e de sua pátria, e mesmo que, em algum momento, tenha desconhecido sua própria humanidade. Nota-se, portanto, que a força ancestral do Ilê-Ifê (cidade iorubá) permanece, sobrevive e resiste na poética de Cristiane Sobral, como expressa nos versos: "Eu, de coroa e rainha, livre e liberta/ na força ancestral de Ilê-Ifê". Nesse sentido, em contextos de opressão e marginalização, as mulheres têm sido pilares de resistência, utilizando a espiritualidade como forma de empoderamento e luta por direitos. Sua força se reflete na maneira como preservam as tradições diante das adversidades. São essas mulheres que desempenham um papel essencial na transmissão de histórias, rituais e conhecimentos, perpetuando a cultura e a ancestralidade de seus povos. Muitas vezes, são as mães e avós que ensinam os mais jovens sobre as práticas, as músicas e as danças que os conectam às suas raízes.

Sobre esse aspecto, Parizi (2020) destaca a importância da mulher na construção da humanidade, relacionando-as às Iyami Oxorongá – expressão que significa "Minha(s) Mãe(s)" ou "Minha(s) Zeladora(s)" —. Essas entidades ancestrais femininas possuem grande poder e

são sempre mencionadas no plural por representarem uma coletividade de Iyabás (orixás femininos). Sua energia é essencial para a existência humana, abrangendo tanto aspectos protetores quanto destrutivos. Como forças primordiais e ancestrais, simbolizam a complexidade do feminino e estão presentes em todas as Iyabás, reafirmando sua influência fundamental na cosmologia das religiões afro-brasileiras. No poema em análise, identifica-se a presença marcante e empoderada da mulher negra, aspecto que se reitera na poesia a seguir:

### **Poesia preta feminina**

Tem cheiro bom de perfume  
Cor de azeviche  
Letras de cura  
Poesia preta feminina  
Preciosa na monotonia da paisagem  
Representa nossa diversidade  
Entra na roda com muito axé

Poesia preta feminina  
Sinuosa, desfila no terreiro  
Em ritmo de partido-alto  
Também pode surgir elegante, de salto  
Contagiar batendo na palma da mão

É jongo, é jogo, é gira  
Pomba trazendo ventos de mudança  
Bate firme e demarca o espaço com esperança  
Tem a atitude da nossa gente  
A rezar nos espaços da diáspora  
Reinventando o compasso da história.  
(Sobral, 2017, p.92)

Neste poema, observa-se um manifesto de empoderamento, resistência e valorização da beleza na poética de Cristiane Sobral, além de uma homenagem à rica herança cultural das mulheres negras. Sob essa perspectiva, a autora apresenta uma poética voltada para a mulher negra, recriando, em seu poema, a realidade dessas mulheres a partir de sua própria concepção. Nesse contexto, destacam-se dois versos do poema: "Representa nossa diversidade/ Tem a atitude da nossa gente". Ao utilizar o pronome possessivo "nossa", a poeta se inclui nesse coletivo de mulheres negras, construindo um eu poético coletivo.

É importante mencionar que, em diversos momentos da história, a crítica literária negligenciou autores negros, seja por preconceito, falta de acesso ou pela imposição de um cânone literário que privilegia narrativas eurocêntricas. Durante séculos, a literatura negra foi marginalizada, frequentemente considerada periférica ou folclórica, enquanto as grandes discussões sobre estética e inovação literária eram reservadas a escritores brancos. Mesmo quando autores negros recebiam reconhecimento, suas obras eram, muitas vezes, interpretadas apenas sob um viés sociológico, como se sua produção literária estivesse estritamente vinculada à denúncia ou representação da identidade racial, e não como uma expressão

artística plena. Essa limitação na recepção crítica impedia que suas produções fossem analisadas com a mesma complexidade e profundidade concedida a outros escritores.

Nos últimos anos, esse cenário tem se modificado, impulsionado pela ampliação dos estudos pós-coloniais, da crítica antirracista e da valorização das vozes negras na literatura. No entanto, ainda há desafios a serem superados. Nesse sentido, Cuti (2010) aponta que, por muito tempo, o escritor negro precisou escrever para um público leitor branco e, para não comprometer a recepção de sua literatura, frequentemente ajustava sua narrativa ao entendimento predominante sobre raça, evitando abordar temáticas que revelassem sua subjetividade de maneira mais autêntica. Todavia, Sobral estabelece seu posicionamento crítico ao empregar um vocabulário que remete à sua religiosidade afro-brasileira, incorporando termos como: axé, terreiro, gira e pomba, reafirmando assim a presença da identidade negra e da ancestralidade em sua poética. Em meio a isso, afirmam Silva e Félix (2020),

as religiões afro-brasileiras e os seus terreiros podem se tornar um ambiente de reconexão com os seus; que possibilita a sensação de liberdade perante o racismo fora dos muros dos terreiros; lugar que fortalece a identidade da população negra; lugar este que o racismo tentou e tenta apagar cotidianamente. (Silva e Félix, 2020, p. 166)

Na primeira estrofe, o eu lírico anuncia que a poesia preta possui um caráter curativo, sendo preciosa em meio à monotonia e representativa da diversidade. Pode-se compreender que a poesia assume, para essa mulher, um espaço de libertação, uma vez que ela se insere como produtora em um cenário no qual ainda predominam as produções realizadas por pessoas brancas. A poesia preta feminina surge para romper com essa uniformidade e evidenciar a subjetividade da cultura diaspórica, pois é por meio da escrita que essa voz se legitima e desafia toda a estrutura que o racismo historicamente lhe negou.

Dessa forma, a poesia negra emerge como um grito de libertação em nome daqueles e daquelas que não puderam ter suas vozes ouvidas ou sequer expressadas ao longo de séculos de silenciamento, apagamento e opressão extrema. Nesse contexto, a poesia negra se desenvolve junto à literatura negra e se fortalece na expressão periférica que reivindica ser escutada. Desde suas origens, estabelece-se como uma forma de expurgar as dores das mazelas acumuladas por gerações e gerações de sufocamento da voz afro-brasileira. Assim, sua prática representa tanto um acalanto quanto um alívio para a população negra, além de proporcionar a sensação de finalmente poder compartilhar experiências e se reconhecer representada nas letras, nas vozes e nos relatos muitas vezes inenarráveis (Gonzága, S/D).

Adicionalmente, no último verso da primeira estrofe, a poesia referida enfatiza que a poesia preta feminina “entra na roda com muito axé”, fazendo alusão à sua inserção na tradição canônica com toda a sua potência, ao mesmo tempo em que estabelece uma referência às rodas dos terreiros, onde se dança para cultuar os orixás e demais guias espirituais. Pode-se ainda considerar que o uso da palavra “axé” ao final deste verso representa, dentro das religiões de matriz africana, a energia sagrada do orixá, sendo também a manifestação da energia que emana da poesia preta feminina. É na força do axé que se sustentam os terreiros e, conseqüentemente, essa poesia.

Oyèwùmí (2016, apud Sales, 2020) discorre sobre a concepção de axé nas religiões africanas, um conceito fundamental para aqueles que estudam essa temática. Segundo a autora africana, o axé representa poder, autoridade e comando, englobando elementos mitológicos, poesia e conhecimento transmitido pelas ancestrais femininas. Dessa forma, o axé assume um papel essencial na poesia negra. Sobral (2017) enfatiza a ancestralidade feminina como um componente central em suas obras, demonstrando como as tradições e a espiritualidade afro-brasileira influenciam a vida cotidiana e a luta por reconhecimento e direitos desse grupo diaspórico. Por meio de sua poesia, Sobral resgata saberes e práticas historicamente marginalizados, reafirmando a riqueza e a complexidade de suas heranças culturais.

Em outro momento, tem-se os versos: “É jongo, é jogo, é gira / Pomba trazendo ventos de mudança”. O jongo é uma manifestação cultural afro-brasileira, caracterizada como uma dança de origem africana que, em algumas casas de matriz afro, especialmente na Umbanda, assume um caráter matriarcal, sendo liderado pelas mães-de-santo. Já as giras correspondem a reuniões ou agrupamentos de espíritos pertencentes a uma determinada categoria, como as giras de esquerda, em que são cultuados os Exus e as Pombagiras. No poema, a voz poética apresenta essas entidades como portadoras dos ventos de mudança, dado que, nas religiões de matriz africana, são elas as responsáveis por transmitir recados e cuidar dos caminhos dos adeptos. Dessa forma, pode-se interpretar a poesia preta feminina como um ritual em que as palavras dançam em giras, enaltecendo e cultuando seus guias espirituais, ao mesmo tempo em que anunciam as transformações que essa poesia promove em um espaço historicamente dominado por uma elite branca. Esse processo é evidenciado no verso: “demarca o espaço com esperança”.

Assim, resgatar e valorizar as culturas ancestrais negras, compreendendo sua origem, tradição e religiosidade, proporcionará um espaço de esperança para que essas mulheres reafirmem sua identidade. Dessa maneira, poderão assumi-la e escrevê-la, reinventando a história e trazendo à tona aspectos que foram e ainda são sistematicamente apagados desse grupo. No trecho “A reza nos passos da diáspora / Reinventando o compasso da história” atentamos para a importância da reza na poesia preta feminina e como a religiosidade está intrínseca no dia a dia e na memória comunitária, afinal

As práticas espirituais vieram como herança dos africanos escravizados e aqui se transformaram em religiões brasileiras de matrizes africanas, onde os rituais foram trazidos através da memória e foram transmitidos majoritariamente de maneira oral para seus descendentes. Ao longo das décadas e séculos, com as transformações do Brasil, estas representações foram sendo transformadas ao mesmo tempo em que sofriam intervenções culturais do ambiente no qual se construíram. (Regis, 2020, p. 201).

É na reza que reside sua herança e toda a ancestralidade a ela vinculada, e é essa conexão que Sobral (2017) busca evocar em sua poesia. Assim, o poema se estabelece como uma significativa contribuição para a literatura, ao mesmo tempo em que constitui um chamado à reflexão sobre identidade e a luta por justiça social. A obra de Sobral (2017) não apenas evidencia os desafios enfrentados por essa comunidade, mas também reafirma a beleza e a força de suas vozes.

Em outro momento do livro *Terra negra*, apresenta-se o poema *Eu Maria*, no qual a poeta Cristiane Sobral traz mais uma voz feminina, sendo, dessa vez, uma voz espiritual, especificamente a voz de uma pombagira:

### **Eu Maria**

Na segunda feira  
eu gosto de girar minha saia de sete babados  
Beber champanhe  
Sorrir bem alto

A segunda não existe sem o salto alto  
O batom vermelho escarlate  
Sem a vontade de estar na rua  
Sem o desejo urgente

Eu amo as segundas  
quando sou maior e mais bonita  
piso mais forte e encaro qualquer desfeita  
É nesse dia que durmo com as madrugadas

Nas segundas eu me lambuzo, me toco  
Gozo encantada  
Grito alto, feliz  
Eu sou um exagero de mim.  
(Sobral, 2017, p.45)

No poema *Eu, Maria*, é relevante destacar a escolha da poeta, uma vez que a Pombagira é considerada uma das entidades espirituais mais controversas. Isso ocorre porque, dentro de uma sociedade predominantemente cristã, essas entidades são frequentemente interpretadas de forma pejorativa, sendo, muitas vezes, associadas a concepções demonizadas e marginalizadas socialmente. No entanto, nas religiões de matriz africana, a Pombagira é amplamente cultuada e reconhecida como uma entidade espiritual de grande importância. Acredita-se que, em vida, essas entidades tenham sido mulheres insubmissas e, após a morte, assumiram a missão de transitar entre os mundos material e espiritual, auxiliando aqueles que necessitam de sua proteção. Em troca, elas também buscam sua própria evolução espiritual. Além disso, são frequentemente requisitadas para intervir em questões relacionadas ao amor e à sexualidade.

Dona Pombagira, que tem um lugar muito especial nas religiões afro-brasileiras, pode também ser encontradas nos espaços não-religiosos da cultura brasileira; nas novelas de televisão, no cinema, na música popular, nas conversas do dia-a-dia (*sic*). Por influência kardecista na umbanda, Pombagira é o espírito de uma mulher (e não o orixá) que em vida teria sido uma prostituta ou cortesã, mulher de baixos princípios morais, capaz de dominar os homens por suas proezas sexuais, amante do luxo, do dinheiro, e de toda sorte de prazeres (Azorli, 2023, p. 10, *apud Prandi*, 2003, p. 141).

O título do poema faz referência direta aos nomes pelos quais diversas entidades espirituais são costumeiramente chamadas, como Maria Padilha, Maria Quitéria, Maria Molambo, Maria Navalha, entre outras. Dentre elas, Maria Padilha talvez seja a mais conhecida. É a partir dessa introdução que se estabelece a voz lírica do poema.

Nos primeiros versos, o eu lírico se apresenta como Maria e afirma que a segunda-feira é o dia reservado para atividades prazerosas. No contexto das religiões de matriz africana, a segunda-feira é consagrada aos Exus, pois simboliza o início da jornada semanal de trabalho, e essa entidade é frequentemente associada ao labor e à abertura de caminhos. Quando incorporados em médiuns, os Exus costumam afirmar que "vieram trabalhar", enfatizando sua busca pela evolução espiritual. Da mesma forma, as Pombagiras manifestam-se não apenas para o trabalho, mas também para vivenciar os prazeres da existência terrena, como evidenciado nos versos: "eu gosto de girar minha saia de sete babados/ Beber champanhe/Sorrir bem alto".

Além disso, esses versos evidenciam como a postura das Pombagiras pode ser vista de maneira pejorativa no contexto cristão, que frequentemente as associa a figuras demonizadas. No imaginário cristão tradicional, o riso é, em alguns casos, vinculado a manifestações profanas, sendo o autocontrole e a moderação características valorizadas nos adeptos dessa fé. Dessa forma, a exuberância e a celebração expressas pelo eu lírico contrastam diretamente com a moralidade cristã predominante.

o pecado original é cometido, tudo se desequilibra, e o riso aparece: o diabo é responsável por isso. Essa paternidade tem sérias consequências: o riso é ligado à imperfeição, à corrupção, ao fato de que as criaturas sejam decaídas, que não coincidam com seu modelo, com sua essência ideal (Azorli, 2023, p. 4, apud Minois, 2003, p. 112)

Dessa forma, as Pombagiras representam o arquétipo da mulher que, ao não encontrar alternativas, desafiava a ordem social vigente para garantir sua própria sobrevivência, muitas vezes enfrentando as autoridades e contestando o patriarcado.

Essas entidades são igualmente reconhecidas por sua vaidade e pela preferência pelo vermelho, cor frequentemente associada à feminilidade e à sensualidade: "A segunda não existe sem o salto alto/ O batom vermelho escarlate". No contexto da tradição afro-brasileira, as Pombagiras são frequentemente denominadas "povo de rua", pois estão simbolicamente ligadas à vida urbana, à marginalidade e às dinâmicas sociais. Elas representam a liberdade, a sensualidade e a resistência às opressões, estabelecendo uma conexão com aqueles que enfrentam desafios socioeconômicos. Essa relação é evidenciada nas oferendas, nas práticas ritualísticas e nas narrativas que envolvem essas entidades, consolidando um vínculo significativo com a realidade das ruas. Possivelmente, essa conexão explica a necessidade que elas têm de estar nesse ambiente.

Nos versos subsequentes, a voz poética continua expressando seu apreço pelas segundas-feiras e a maneira como se sente poderosa e bela nesse dia.

As Pombagiras são entidades espirituais que exercem a função de realizar e desfazer trabalhos espirituais, protegendo aqueles que as cultuam. Elas possuem a capacidade tanto de auxiliar seus devotos na conquista de objetivos específicos quanto de anular interferências espirituais indesejadas. Esse aspecto de sua atuação pode ser observado nos versos: "piso

mais forte e encaro qualquer desfeita”. Ao serem procuradas para auxiliar um adepto, a relação ocorre de forma que:

A interação entre a pessoa que cuida de um exu e a entidade cuidada é mediada muitas vezes de modo tenso, por uma espécie de contrato. A satisfação das vontades e respeito às idiossincrasias que caracterizam cada exu e seus cuidados representam um parâmetro orientador da troca, onde os resultados obtidos pela pessoa são proporcionais aos cuidados dispensados à entidade. Neste sentido, cuidar de um exu, isto é, propiciá-lo através de oferendas rituais, que incluem lhe dar comida, bebida e fumo, representa muito mais um comportamento contratual e preventivo que propriamente religioso. O cuidado para com as entidades da esquerda talvez possa ser mais bem entendido como proteção ou precaução pessoal, espiritual e social do que como devoção religiosa (Azorli, 2023, p.20, apud Caroso; Rodrigues, 2011, p.335).

Ademais, essa entidade desafia as normas de gênero e sexualidade, representando uma figura forte, independente, sensualizada e empoderada. Sua existência questiona os padrões hegemônicos de feminilidade, evidenciando que a definição do que é socialmente aceitável ou reprovável é construída de maneira arbitrária e contestável. Nesse sentido, ela se permite exercer plenamente sua liberdade, conforme expresso nos verbos que encerram o poema: lambuzar, tocar, gozar, gritar. Nesse sentido,

a imagem da mulher, em sua associação com Exu, associa-se à figura da Pombagira, considerada uma mulher lasciva, promíscua e de caráter ambíguo. Essa associação ao diabo se torna evidente também nas diversas imagens vendidas pelas lojas especializadas em cultos afro-brasileiros, quando é representado por uma tez de cor vermelha com chifres. No Brasil, principalmente na umbanda, Exu está associado a espíritos “menos evoluídos”. (Veiga, 2020, p. 222-223).

Portanto, a voz poética de Sobral (2017) evidencia que uma das estratégias de resistência à opressão vivenciada pela mulher negra e pelo povo negro consiste na subversão das imposições identitárias. A poeta confere visibilidade a vozes negras historicamente silenciadas pelo discurso eurocêntrico, conforme aponta Lucinda (2017, p. 13): “É a voz brotada de uma pele preta, é o testemunho transafricano de um resistir ainda raro no mundo da literatura apinhada de galegas princesas e iguais reis”. Diante disso, compreende-se que esses poemas são representativos da construção literária e da poética afro-brasileira da autora. Uma poesia que resiste, existe e enaltece sua cultura e tudo que essa abarca, sobretudo sua fé.

### Considerações finais

Conforme enfatiza Cuti (2010, p. 47), “o silêncio pertence à maioria que ouve e, quando muito, repete. Falar e ser ouvido é um ato de poder. Escrever e ser lido, também.” Sob

essa perspectiva, não basta apenas enunciar discursos, mas é igualmente fundamental ser ouvido, integrar os meios de produção literária e ter acesso ao consumo dessas obras.

Dessa maneira, a literatura negra feminina não apenas estabelece diálogos fundamentais acerca de gênero e religiosidade, mas também celebra a riqueza da cultura afro-brasileira. Por meio de suas múltiplas vozes, como a de Cristiane Sobral, essa vertente literária desafia preconceitos e amplia o repertório cultural do Brasil. Além de desconstruir estereótipos, fomenta novas formas de narrar experiências, reconhecendo a subjetividade e a complexidade das vivências dessas mulheres. Ao resgatar e valorizar suas histórias e sentimentos, a poesia negra feminina se torna um instrumento essencial para o debate sobre desigualdade, resistência, empoderamento e ancestralidade, reafirmando a relevância dessas vozes tanto no cenário literário quanto no contexto social.

### Referências

AZORLI, D. Do que riem as Pombagiras. **Educação em Revista**, Marília, SP, v. 24, p. e023016, 2023. DOI: 10.36311/2236-5192.2023.v24.e023016. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/14530>. Acesso em: 15 de jul. de 2024.

CARNEIRO, S. O poder feminino no culto aos orixás. *In*: CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Jandaíra, 2019. p. 60-88;

CUTI, L. S. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DOS SANTOS, M.; FERNANDO DA SILVA, A. Iyás e Abebés: existências, resistências e lutas matriarcais afrodiaspóricas. **Revista Calundu**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 18, 2021. DOI: 10.26512/revistacalundu.v4i2.34579. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/34579>.

FERNANDES RODRIGUES BARRETO REGIS, M. 200 Anos não São 200 Dias: história, protagonismo e estratégia de mulheres negras na Irmandade da Boa Morte (1820 - 2020). **Revista Calundu**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 21, 2021. DOI: 10.26512/revistacalundu.v4i2.34574. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/34574>.

GONZÁGA, R. **Poesia Negra**: a potência e beleza das palavras das poetas negras brasileiras. Disponível em: <https://awale.com.br/poesia-negra/>. Acesso em: 12 de out. de 2024

IMBIRIBA VEIGA, Rychelmy. Orixá ou Diabo: a construção imagética de exu no Brasil. **Revista Calundu**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 9, 2021. DOI: 10.26512/revistacalundu.v4i2.35815. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/35815>.

JACKSON LIMA SILVA, J.; DA SILVA FELIX, T. Aspectos Básicos sobre o Sujeito Individual e a Coletividade nas Religiões de Matrizes Africanas. **Revista Calundu**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 13, 2021. DOI: 10.26512/revistacalundu.v4i2.31306. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/31306>.

NOEL, F. L. Jongo, ritual de resistência e tradição. **Blog Sesc** [São Paulo], 03 de mar. de 2006. Disponível em: [https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/3781\\_JONGO+RITUAL+DE+RESISTENCIA+E+T+RADICAO](https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/3781_JONGO+RITUAL+DE+RESISTENCIA+E+T+RADICAO). Acesso em: 11 de jul. de 2024.

PARIZI, V. G. **O Livro dos Orixás: África e Brasil**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

SALES, C.. Das Águas Ìyá Oxum: saberes ancestrais femininos em poesias negras diaspóricas. **Revista Calundu**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 23, 2021. DOI: 10.26512/revistacalundu.v4i2.34575. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/34575>.

SOBRAL, C. **Terra negra**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.